OFICINA INTERNACIONAL DA UNIVERSIDADE POPULAR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

RELATÓRIO OFICINA 03: Ecologia, Madre Tierra, Recursos Naturais, Extrativismo

Porto Alegre/RS

22 e 23 de Janeiro, 2012

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 03
2. HISTÓRICO DA UPMS.....03
3. PÚBLICO ALVO ….....04
4. OBJETIVOS DA UPMS 04
5. ESCOLHA DOS TEMAS E METODOLOGIA.....05
6. REALIZADORES.....06
7. PARTICIPANTES 08
8. PRIMEIRO DIA DE OFICINA 09
8.1 APRESENTAÇÃO.....09
8.2 APRESENTAÇÃO DO CRONOGRAMA DAS OFICINAS.....09
8.3 INTRODUÇÃO AO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA UPMS.....11
8.4 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....14
8.5 PRIMEIRA DIVISÃO ENTRE GRUPOS PARA DISCUSSÃO.....19
8.6 APRESENTAÇÃO DO RESULTADO DAS DISCUSSÕES EM GRUPO.....20
8.7 ESCOLHA DOS TEMAS NORTEADORES.....25
8.8 RESUMO DE CONCEITOS ELENCADOS.....28
8.9 ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA.....29
9. SEGUNDO DIA DE OFICINA.....30
9.1 APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA DE TRABALHO DO DIA.....30
9.2 RETOMADA DOS TRABALHOS.....31
9.3 EXPOSIÇÃO DOS GT'S.....31
9.4 APRESENTAÇÃO DO VIDEO SOBRE "PINHEIRINHOS".....35
10. PLENÁRIA FINAL- APRENDIZAGENS E EXPERIÊNCIAS.....35
11. ENCAMINHAMENTOS.....39
12. FUTURO DA UPMS.....40
13. SOCIALIZAÇÃO: PROPOSTAS PARA A APRESENTAÇÃO ENTRE AS OFICINAS 43
14. ENCERRAMENTO DA OFICINA 03.....44
15. OFICINA CONJUNTA NA UFRGS E APRESENTAÇÃO NO FST.....45
ANEXOS 47
ANEXO 01 – LISTA DE PARTICIPANTES.....48
ANEXO 02 – FOTOS / CONVIVÊNCIAS.....51

1) Introdução

A Universidade Popular dos Movimentos Sociais – Rede Global de Saberes é um espaço de formação intercultural que promove um processo de interconhecimento e autoeducação, com um duplo objetivo: aumentar o conhecimento recíproco entre os movimentos e organizações sociais e, tornar possíveis tanto coligações entre os mesmos, quanto ações coletivas conjuntas.

Constitui-se ainda de um espaço aberto para o aprofundamento da reflexão, do debate democrático de ideias, da formulação de propostas, da troca livre de experiências e da articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos sociais locais, nacionais e globais que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo.

2) Histórico

No desenvolvimento do Fórum Social Mundial (FSM) algumas organizações dos movimentos sociais, ONG's, sindicatos e intelectuais concluíram que não seria possível alcançar a justiça social global sem uma justiça cognitiva global. Nesse contexto, começou a ser gerada a idéia de constituição da UPMS a qual foi amadurecendo com as seguidas edições do Fórum. Durante o encontro de 2003 é lançada no Fórum Social Mundial, a Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS) em busca de uma democracia cognitiva global.

Desde então, realizaram-se oficinas da UPMS em Córdoba (Argentina - 2007), Medellín (Colômbia - 2007), Belo Horizonte (Brasil - 2009), Porto Alegre (Brasil - 2010) e, estão planejadas oficinas para serem realizadas em Lima, Amazônia e na Tríplice Fronteira. A memória e relatos das oficinas podem ser consultados na página da UPMS[1] que vem sendo o espaço oficial de socialização das experiências realizadas.

[1] Para acessar link <www.universidadepopular.org>

3) Público Alvo

O público alvo da UPMS é composto por ativistas e dirigentes dos movimentos sociais, membros de organizações não governamentais, sindicalistas bem como cientistas sociais, investigadores e ativistas empenhados na transformação social progressista.

A UPMS funciona através de uma rede de interações orientada para promover o conhecimento e a valorização crítica da enorme diversidade dos saberes e práticas protagonizados pelos diferentes movimentos e organizações. Sua essência está no seu caráter inter-temático, forjado através da promoção de reflexões e articulações entre diferentes movimentos como os feministas, operários, indígenas, estudantis, negros, LGBT, ecológicos e etc.

4) Objetivos da UPMS

A formação pretendida pela UPMS é dupla. Por um lado, promover a aprendizagem de ativistas e líderes comunitários, dos movimentos e organizações sociais, discutindo com eles quadros analíticos, teóricos, históricos e comparativos que lhes permitam aprofundar a compreensão reflexiva da sua prática – dos seus métodos e dos seus objetivos – de modo a melhorar a sua eficácia e a sua coerência. Por outro lado, promover a aprendizagem de cientistas sociais, intelectuais e ativistas comprometidos com os movimentos e organizações sociais, dando-lhes a oportunidade e criando-lhes a exigência de orientarem os seus estudos para os temas e problemas considerados mais relevantes ou urgentes pelos movimentos e organizações.

Neste processo de dupla formação reside a novidade da UPMS. Ela supera a distinção convencional entre ensino e aprendizagem – assente na distinção entre educadores e educandos – e cria contextos e momentos de aprendizagem recíproca. A constatação de ignorâncias recíprocas é o seu ponto de partida. O seu ponto de chegada é a produção partilhada de conhecimentos tão globais quanto os processos de globalização e tão diversos quanto somos todos os que lutam contra a globalização neoliberal, o capitalismo e a dominação e opressão.

A UPMS não é uma escola de formação de quadros ou dirigentes de organizações e movimentos sociais. Embora a UPMS esteja claramente orientada para a ação de

transformação social, o seu objetivo não é proporcionar os tipos de competências e de instrução habitualmente colocadas pelas experiências já conhecidas de universidades populares.

5) Escolha dos temas e metodologia: Fórum Social Temático - FST 2012

Desde o FSM de Dakar, os ativistas e intelectuais comprometidos com a UPMS se reuniram duas vezes (uma no próprio Fórum de Dakar e outra na UFRGS, em maio de 2011) e, entendendo que a temática do Fórum de Porto Alegre (2012) possuia estreita relação com as preocupações da UPMS, propuseram a realização de três oficinas nos dias 22 e 23 de janeiro de 2012.

Ocorrendo dois dias antes do Fórum Temático de Porto Alegre, as três oficinas foram realizadas em diferentes municípios da Grande Porto Alegre - cada uma sobre um dos seguintes temas:

Oficina 01	**Oficina 02**	**Oficina 03**
Terra e soberania alimentar, direitos humanos, economias solidárias/populares.	Interculturalidade, plurinacionalidade, afrodescendentes/ indígenas.	Ecologia. Madre Tierra, recursos naturais, extrativismo.
Realizada em São Leopoldo Unisinos	Realizada em Canoas Unilasalle	Realizada em Porto Alegre Capuchinhos

Em cada oficina participaram movimentos/organizações de temáticas diferentes. Por exemplo: um membro do movimento de camponeses, um do movimento indígena, um do movimento quilombola, um do movimento contra os transgênicos ou de proteção de sementes ou ainda de soberania alimentar, um do movimento feminista, um do movimento de economia solidária, um do movimento contra a grilagem da terra. Se não fosse possível a participação de todos, pelo menos fora garantida a ida de alguns destes ativistas, representando seu movimento.

Para manter a diversidade, fora indicado que os movimentos deveriam ser originários de diferentes países. A proposta para as oficinas da UPMS do Fórum Social Temático de Porto Alegre foi que contemplassem participantes de diferentes países da América Latina.

Estas oficinas, circunscritas na América Latina, tiveram caráter experimental e de suas avaliações podem resultar em seu alcance internacional no FSM 2013.

As oficinas consistiram em dois dias de trabalho em sistema de internato, onde participaram cerca de 30/50 pessoas em torno de um tema central: um terço constituído por cientistas sociais ou ativistas comprometidos com os movimentos sociais e dois terços constituídos por ativistas/dirigentes de movimentos sociais/ONGS, sendo que devem estar representados movimentos/organizações ativos em pelo menos três áreas temáticas de luta articuladas ao tema central. O objetivo é precisamente confrontar diferentes perspectivas sobre o mesmo tema.

Para o processo operacional da realização das oficinas da UPMS em Porto Alegre, definiu-se um pequeno grupo residente na cidade que fosse interlocutor entre a UPMS e o Comitê Local do Fórum Social Temático de POA e instâncias governamentais envolvidas. Grupo este composto por Aline Mendonça dos Santos e Vanessa Marx.

6) Realizadores

As oficinas da UPMS foram realizadas através de parceria com:

- Centro de Formação em Economia Solidária da Região Sul (CFES Sul)
- Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES)

Com apoio:

- Governo do Estado do Rio Grande do Sul
- Prefeitura de São Leopoldo - Administração Popular
- Prefeitura de Canoas
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos)
- Centro de Estudos Sociais América Latina (CES - AL)
- Projeto Alice - Coimbra

Para garantir a continuidade do processo da UPMS, foi constituída uma comissão permanente envolvendo ativistas da América Latina que já realizaram ou realizarão oficinas da UPMS, entre eles:

- Aline Mendonça dos Santos (POA BR)
- Ana Prestes (BH BR)
- Beatriz Soto (Bog CO)
- Boaventura de Sousa Santos (Coim PT)
- Celita Eccher (Mont UR)
- Eber Marzulo (POA BR)
- Gina Vargas (Lim PE)
- Leonardo Avritizer (BH BR)
- Lilian Celliberti (Montev UR)
- Moema Miranda (RIO BR)
- Norma Fernandez (Cord AR)
- Nilma Lima Gomes (BH BR)
- Óscar Jara (SanJ CR)
- Paula Meneses (Map MOÇ)
- Raphael Hoetmer (Lim PE)
- Vanderson Carneiro (BH BR)
- Vanessa Marx (POA BR)

Para coordenação das três oficinas realizadas em Porto Alegre foram designadas as seguintes coordenadoras:

Oficina 1: Terra e soberania alimentar, direitos humanos, economias solidárias / populares – Aline Mendonça

Oficina 2: Interculturalidade, plurinacionalidade, afrodescendentes / indígenas – Nilma Gomes

Oficina 3: Ecologia, Madre Tierra, recursos naturais, extrativismo – Vanessa Marx

Referente especificamente à **oficina 03**, quatro mediadoras auxiliaram na construção dos dois dias de atividades:

- Beatriz Soto (Colômbia)
- Eva Carazo (Costa Rica)
- Miriam Chagas (Brasil)
- Nahyda Franca (Brasil)
- Vanessa Marx (Brasil)

7) Participantes

Em cada oficina participaram movimentos/organizações de temáticas diferentes de diversos países como Colômbia, Bolívia, Argentina, Uruguai, Costa Rica, Portugal, Espanha, Guatemala, Equador, Chile, além do Brasil. As oficinas contaram com a participação total de 40 pessoas, sendo 10 pesquisadores militantes e 30 representantes de pelo menos 10 movimentos sociais.

Lista completa de participantes da oficina 3 pode ser visualizada no anexo 01.

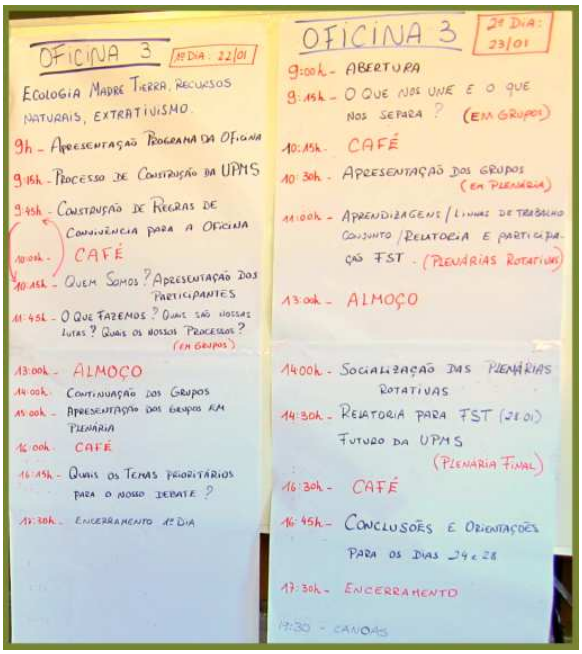
8) Primeiro dia Oficina 3 – Domingo, 22 de janeiro de 2012

8.1) Apresentação

Vanessa Marx dá as boas vindas a todos os presentes. Avisa ao grande grupo que falará em português, mas de forma calma e devagar para que todos possam entender. Antes de iniciar a oficina, repassa informes ligados a logística, como 1) ficar atentos aos horários programados; 2) sobre os horários da casa; 3) a todos que vieram com recursos da UPMS, que entregassem os ticket's de viagem para que cópias fossem feitas e, por fim, indicando a Michele Lima como referência para troca de qualquer informação referente à organização e logística.

8.2) Apresentação do cronograma

Eva repassa toda a programação e de como serão os trabalhos durante a Oficina.



A Oficina 3 foi divida em dois dias: 22 e 23 de Janeiro. No primeiro dia, seria feita uma apresentação do processo de construção da UPMS, apresentação dos presentes, criação de regras de convivência, divisão em pequenos grupos para discussão, a fim de identificar lutas e processos. Na tarde do dia 22, socialização das discussões em grande grupo e pontuação dos temas prioritários para debate.

Já no dia 23/01 haveria uma divisão em três pequenos grupos para responder questionamentos tais como "o que nos une e o que nos separa". Após isso, em grande grupo seriam levantadas as aprendizagens, linhas de trabalho. Além disto seria discutido como a nossa relatoria seria montada e como iriam participar do FST (em plenárias rotativas). Depois do almoço, uma socialização das plenárias rotativas. Às 14h30, um relato sobre o FST (dia 28/01) e a discussão sobre o futuro da UPMS. Por fim, a plenária final e orientações/conclusões para socialização da oficina 03 com as demais oficinas, nos dias 24 (três oficinas conjuntas) e 28 de Janeiro (atividade aberta ao FST com os resultados das três oficinas).

Nahyda comenta que seria feita também uma Vídeo Carta[2] que conterá gravações, imagens, entrevistas dos presentes nas oficinas da UPMS. Um dos presentes pede a palavra e questiona sobre a ligação entre a temática e a UPMS.

Eva fala que a construção de todo o processo será feito pelo coletivo, mostrando os temas que querem levantar, que cruzarão todas as discussões durante os dias, podendo levantar os pontos. O momento no FSTemático deveria mostrar que UPMS é de todos nós e é feita por nós.

Vanessa expõe que os temas ficarão visíveis na discussão dos conceitos, onde aparecerão todas as questões referentes a isso e também os problemas. Por exemplo, a questão da própria convocatória dos participantes e de articulação.

Francisco (Chile) questiona quais os temas das demais Oficinas.

Nahyda fala que as oficinas tem em comum a organização, a mesma metodologia, tendo somente temas diferentes que norteiam as mesmas e, que as demais dúvidas que existam serão solucionadas durante o próximo ponto da pauta.

[2] Pode ser acessada via <http://youtu.be/_fCPWpmV9v0> acesso em: julho de 2012.

8.3) Introdução ao Processo de Construção da UPMS

Vanessa iniciou sua exposição sobre o histórico do processo de construção da UPMS dizendo que naquele momento estava sendo realizada a primeira Oficina Internacional, sendo o momento de refundação da UPMS. Ao nascer no FSM e percorrer pelo FST, reconecta-se ao lugar de surgimento da UPMS, sendo Dakar o lugar de idealização destas oficinas. Passou então a palavra para o Pedro Santana que falou sobre o início da UPMS.

Pedro Santana expõe que a UPMS é uma iniciativa dos movimentos, onde muitas lideranças brasileiras e fora do Brasil, começaram as primeiras articulações em 2000. No ano de 2001, no FSM, ocorre o seu marco de nascimento. É interessante saber a história que a fez nascer, como por exemplo outros movimento como o movimento zapatista e sua construção histórica. Em 2000, os movimentos pelo livre comércio em Barcelona e Praga, ajudaram na constituição do processo de construção da UPMS.

Um grupo de brasileiros na França, começou a discutir e pensar um movimento internacional que reunisse as lideranças (onde nasce o FSM), movimento esse também presente em uma série de entidades de diversos países na América Latina. O primeiro FSM mostrou que há muitas práticas (como a de economia e resistência) mas, todos os movimentos mostraram muita fragmentação. Porém, muitas iniciativas foram valorizadas pelo FSM.

Além disso, Pedro coloca que os ativistas reunidos, buscaram movimentos diversificados. Mas, isso auxilia na fragmentação das discussões e do movimentos em si. Por isso, desde o primeiro FSM tenta-se responder a duas perguntas: 1) como se aumenta o conhecimento e as aprendizagens dentro deste espaço? 2) como se tem um diálogo equilibrado entre todos? Esta é uma debilidade dentro destes movimentos, pois há por exemplo um baixo diálogo dentro dos próprios movimentos (intramovimentos), não há um movimento de mulheres, e sim “movimentos”.

Há outra questão que é referente a relação entre os movimentos, como o sindicalismo, das mulheres, dos indígenas, entre outros. Um dos objetivos da UPMS é este: pensar como podemos ter ações em conjunto? E assim começa os movimentos, onde, antes mesmo de 2003, Boaventura publica o primeiro artigo falando do UPMS apresentando 03 de suas caracteristicas: 1) Buscar intra e inter conhecimento entre os movimentos; 2) é preciso

criar-se uma rede, pois é necessário integrar os movimentos sociais e o conhecimento acadêmico. É um dos grande objetivos resgatar os conhecimentos analíticos, da base. Nada pode ser feito de forma centralizada e a UPMS deve realizar a tradução cultural; 3) como se traduz e que equivalência tem os movimentos, para que se possa ter um movimento universal e global, é necessário saber quais são os pontos que nos unem que nos mantém próximos.

No FSM de Mumbai na India, o movimento de mulheres questionaram: o que tem de comum entre os movimentos de mulheres, sindicalistas, e campesinos? Pois na verdade não se busca unificar, mas sim buscar saber como construir algo que envolva a todos. Neste sentido foram organizadas Oficinas locais como Belo Horizonte (Brasil), Medellín (Colômbia) e Córdoba (Argentina).

Quanto a discussão sobre o FSM, o mesmo pode contribuir com a construção de uma agenda entre os movimentos sociais, tendo claro que o Fórum não reúne todos os movimentos, mas é um dos espaços para o mesmo. Não é que o FSM faça as mobilizações, lembrando da Primavera Árabe, mas sim, que é um espaço a ser ocupado. Em Dakar discutiu-se que estamos em uma crise, não só econômica e do meio-ambiente, mas também do social. E assim, como o FSM pode contribuir para a construção de uma agenda para contribuir para a mudança deste paradigma. Duas questões foram levantadas em Dakar. Teremos que discutir temas e por isso que todos foram convidados para estas discussões, principalmente sobre o FST deste ano que poderá avançar neste sentido e somar-se a Rio+20.

Vanessa Marx fala que é importante ter conhecimento de que a UPMS não é uma universidade convencional, mas é sim o momento de encontro dos movimentos, como por exemplo, nas Oficinas. Onde duas questões importantes são fundamentais: a Ecologia dos Saberes e a Interculturalidade. Faz-se necessário intercambiar agendas, pautas, conceitos, o que cada um entende de certas lutas e reinvindicações e quais os conflitos e divergências existem. A UPMS também nasce com a idéia de que o conhecimento e o saber não vem somente do conhecimento formal, das universidades. Os movimentos sociais produzem também conhecimentos, e a UPMS é um espaço para emergir este conhecimento. Neste espaço pode-se trazer para a discussão os saberes dos Movimentos Sociais e dos intelectuais orgânicos/militantes, havendo uma mistura dos saberes.

Por que surgiu esta oficina internacional? Ela surgiu durante o processo de construção das Oficinas anteriores, onde foram sendo construídos muitos espaços. Uma delas foi em Porto Alegre em 2010 que teve como proposta de diálogo entre os movimentos sociais e as universidades e em Belo Horizonte que abordou a construção de ações entre os Movimentos Sociais e o Estado. E onde surgiu a idéia? Ela surgiu na Oficina de Porto Alegre e posteriormente em Dakar, onde discutiu-se a criação de uma Comissão Permanente, e de fazê-la no âmbito do FST. Os temas foram elencados em Dakar, em coordenação com os do FSM.

O objetivo seria de ficarem reunidos no espaço até o dia 23; no dia 24 seria realizada uma reunião com as demais Oficinas e no dia 28 a presença no FSM falando da UPMS. Nestes espaços, segundo Vanessa, se construiria de fato a refundação da UPMS, com uma nova etapa que amplia e inclui novas pessoas que podem contribuir com o processo da UPMS. É um momento de troca, onde pode-se entrar mais a fundo nas experiências de cada um, identificando quais são os impasses, êxitos e forças. Vanessa Marx abre o espaço para perguntas e complementações.

Nahyda reintera que é a primeira vez que se faz uma oficina da UPMS que é internacional.

Mario Romero fala que entende que a UPMS possui uma Comissão Internacional e Comissões Nacionais. Ele gostaria de saber se a UPMS só se manifesta nas oficinas.

Vanessa responde que hoje a UPMS não possui uma institucionalidade. Hoje há pessoas comprometidas e quando ocorre uma oficina, há a UPMS. Algumas pessoas da Comissão Permanente realizaram Oficinas e um grupo junto a Boaventura ajudou a criar muitas linhas e visões da UPMS. A UPMS então tem como objetivo emancipar e integrar os movimentos. Não há uma institucionalidade, mas sim se está num momento de discussão e reflexão do que podemos ser , como vamos trabalhar, quem se responsabiliza a dar continuidade às atividades da UPMS.

Pausa - Café da manhã

8.4) Apresentação dos participantes

Beatriz inicia com uma breve explicação de como será a atividade de Apresentação dos participantes. Os participantes se apresentam e colocam papéis para que todos visualizem seus nomes, organizações e lutas.

Nahyda, *trabalho no IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas).*

José Exeni*, sou boliviano. Trabalho no CES (Centro de Estudos Sociais) da Universidade de Coimbra, com os temas: interculturalidade, novas gramáticas e direitos humanos.*

Miriam*, sou antropóloga, ligada à UFRGS. Trabalho também no Ministério Público como antropóloga, com foco nas áreas étnicas e de direitos humanos.*

Ana Elisa*, sou mestre em ecologia e doutora, as duas formações pela UFRGS. Sou professora adjunta na UFPR. Trabalho em um laboratório sobre interculturalidade e novas metodologias culturais. Este laboratório possui 12 bolsistas indígenas.*

Pedro, *sou do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), ligado a Via Campesina. Lutamos contra o sistema capitalista e dentro desta temática estão: a luta contra as hidrelétricas, as novas matrizes energéticas, e a questão da água a energia não serem recursos privados. Atualmente, a Via campesina tem uma campanha nacional contra os agrotóxicos, pois o Brasil é o segundo país no mundo em consumo de agrotóxicos.*

Mario*, sou colombiano e membro da AgroSolidária. Trabalhamos com economia solidária, agroecologia, finanças solidárias e ecoturismo comunitário.*

Juan Silva*, sou argentino e membro do Instituto para el comercio equitativo y el consumo responsable. Trabalho com agroecologia e economia solidária.*

Pancho*, sou chileno e estudante de Comunicação Social. Participo do movimento estudantil e faço parte de uma organização social chilena que nasceu ano passado, que*

luta por causas sociais, além de lutar por um desenvolvimento justo, solidário e sustentável.

***Mar Daza**, venho do Peru. Faço parte do PTDG (Programa Democracia y Transformación Global), onde trabalhamos dialogando com os movimentos sociais e organização de mulheres campesinas. Nossas lutas são: diálogo potencialmente emancipatório com o feminismo e com indígenas, além da construção coletiva dos movimentos indígenas.*

***Emiliano**, sou advogado popular. Faço parte da Associação Nacional dos Advogados Populares e da ONG "Ingá", que luta há 12 anos por temas com a agroecologia e recursos energéticos. O Brasil está numa construção de um modelo energético que choca com os modelos defendidos pela Economia Solidária, agroecologia e movimento dos atingidos por barragens.*

***Yashodã**, sou membro da organização Comunidade Morada da Paz. Trata-se de uma comunidade residencial, comunitária, sustentável, trabalhando com os quilombolas. Na Bahia e Tocantins possuem parcerias e trabalhos em comunidades. Possuímos uma horta orgânica comunitária, com 9 anos de ações e articulações. Possuímos uma carta de princípios e eleição de quem representará a organização nas múltiplas frentes.*

***Eva**, da Costa Rica. Sou da organização Rede de Coordinación em Biodiversidad y del Programa de Educacion Popular Alforja. Trabalhamos com educação popular, ecologia social, agroecologia, economia solidária e direitos comunitários.*

***Isabela**, de Porto Alegre. Atuo há 20 anos com Educação no MST. Destes 20 anos, há 15 anos estudo e sistematizo toda a história da escola itinerante do MST. Atualmente, estou no RECID Nacional (rede de educação cidadã) na sistematização do trabalho a nível nacional. Possuo mestrado e doutorado na UFRGS e, estudo a formação dos professores e da escola itinerante.*

***Maiana Maia**, de Fortaleza/Ceará. Sou secretária da Rede Brasileira de Justiça Ambiental. Buscamos trabalhar as desigualdades sociais da discussão referente ao meio-ambiente, tendo um aporte crítico denunciando quem gerou a atual crise. Trabalhamos muito com as campanhas contra os agrotóxicos, as minerações (com o projeto Justiça nos Trilhos), hidrelétricas, comunidades atingidas por parques eólicos. Participo do núcleo Tramas que trabalha com saúde, meio-ambiente e trabalho.*

***Claudia**, da Guatemala. Trabalho junto a Associação Amigos da Terra da Guatemala.*

***Leonel**, da Guatemala. Lutamos contra as hidrelétricas, pois nosso país virou um paraíso para os EUA e países como Canadá que buscam investir no país com discurso de que estão lutando por uma justiça climática. A Costa Sul do país possui muitas plantações de cana e, estão sendo aplicados muitos químico, portanto lutamos contra todo tipo de atividade neste sentido além de apoiarmos as entidades que lutam para defender o território.*

***Ana Beatriz**, da Costa Rica. Sou estudante de Biologia na Universidade de Costa Rica. Trabalho na luta contra a mineração e pinhas. Venho expor a necessidade da união das comunidades e dos países para lutar contra a mineração.*

***Peter**, sou inglês, mas resido na Holanda. Participo de discussões sobre democracia global e possuo uma revista eletrônica sobre movimento sociais, além de possuir uma alternativa ao Facebook (construindo o Unionbook). Trabalho com nacionalismos rurais, sindicatos dos novos movimentos sociais, agroecologia (trabalho e natureza), cyberespaço e emancipação.*

***Pedro Santana**, da Colômbia. Sou sociólogo e membro da EURALAT.*

***Juan Carlos**, sou da Espanha e, trabalho na Venezuela. Sou professor da Universidade Complutense de Madri. Participo de um grupo que discute comunicação e do movimento 15M, onde discutimos política a curto e longo prazo. Possuo um trabalho em*

desenvolvimento na Venezuela, onde há uma interface entre o Governo e os movimentos sociais. Buscamos além de tudo a democracia participativa e empoderamento comunitário.

***Raphael**, sou holandês mas moro no Peru. Trabalho com investigação em comunidades. Trabalhamos com três lutas: direito ao território, luta pela água e a luta da autonomia (liberdade). Relacionado a luta pela água, estamos construindo a Marcha Nacional pela Agua no Peru. Gostaria de gravar entrevistas com todos, com apoios para a marcha.*

***Javier**, colombiano. Trabalho com agroecologia. Estamos na articulação de muitas lutas, pela execução de referendos e plebiscitos. Lutamos contra a hidrelétricas, onda existem empresas públicas, além de estarmos construindo uma rede de grupos comunitários e da agroecologia. Estamos na luta pela autonomia alimentar e direitos humanos ligados a essa temática. Estamos também construindo uma Escola Nacional Ambiental.*

***Vanessa**, sou pós-doutoranda e professora colaboradora do PPG em ciência política da UFRGS. Trabalho com as temáticas: teoria política contemporânea, participação política e movimentos sociais. Na área das Relações Internacionais estudo os novos atores , a democratização da gestão pública e dos organismos internacionais. A UPMS é um projeto de extensão da ciência política da UFRGS no qual venho trabalhando.*

***Franco**, venho da Argentina. Sou Cientista Político e professor na Universidade Nacional de Rosário. Trabalho com os direitos de acesso a água.*

***Michele**, Brasil. Sou estudante de Ciências Sociais e extensionista na UFRGS.*

***Carlos Arthur**, sou doutorando em Ciência Política na UFRGS e advogado social.*

***Beatriz**, venho da Colômbia. Trabalho na Organização Viva La Ciudadanía. Estou na luta pela educação popular, democrática e comunitária. Participarei também do FSM da Educação.*

***Josemar**, sou de Porto Alegre, trabalho na cooperativa Catarse e Inverso Coletivo. Trabalhamos na área de Comunicação.*

Quadro de apresentações

Após apresentação dos presentes, passou-se à organização coletiva das regras de convivência entre os participantes da oficina, conforme indicado por Miriam e Eva. Sobre a forma de comunicação houveram algumas sugestões, onde Emiliano propõe que todos falem a língua que acharem mais fácil de serem entendidos; Juan Silva preocupado com a questão do tempo, solicita que as falas não ultrapassassem 5 minutos. Juan Carlos propôs que se utilizasse uma linguagem mais inclusiva, mais confortável que nossa linguagem, como, por exemplo, comunicação por símbolos e gestos.

Para sistematização, Luiz Filipe fala que seria interessante buscar socializar as fotos e anotações pós oficinas. Outras informações foram repassadas, como por exemplo, sobre a utilização dos copos (Eva comentou). Maiana avisa que terá que sair durante a oficina (devido a regra de todos estarem participando). Vanessa coloca a importância de todos participarem dos dois dias da oficina, pois muitos esforços foram realizados para que todos

pudessem ir até Porto Alegre e, Luiz Filipe reafirma que foram colocados recursos públicos para realização da oficina, sendo assim uma responsabilidade de todos, finalizando sua fala citando que a UPMS é de todos e para isso é necessário que todos estejam neste processo.

Após esclarecimentos, Eva retoma todos os pontos para a aprovação do coletivo:

- Falar devagar
- Utilizar mais símbolos, para democratizar a linguagem
- Linguagem inclusiva
- Sempre contextualizar com o território

8.5) Trabalhos em grupos (3 grupos de discussão para aprofundar os temas)

Foram propostas três questões para incentivar as discussões:

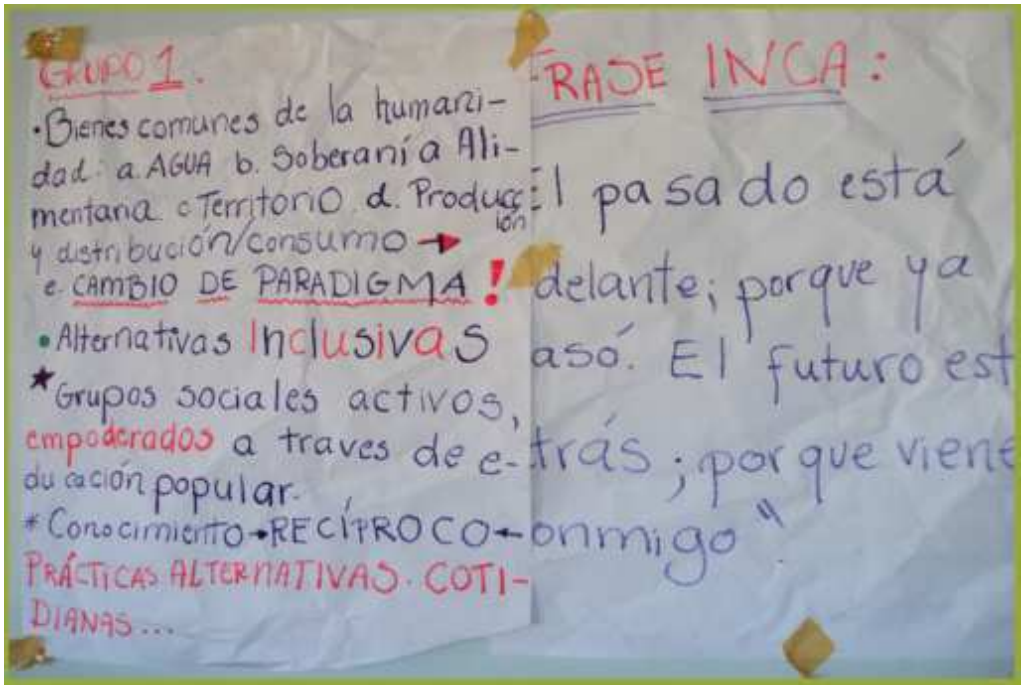
1ª) O que fazemos? 2ª) Quais nossas lutas? 3ª) Quais os nossos processos?

8.6) Apresentação dos resultados das discussões em Grupos

a) Grupo 1

Javier (Ecofondo) as lutas que registraram são referentes aos bens comuns da humanidade: a água, os direitos humanos, a luta contra os transgênicos, a favor de mídias próprias e soberania alimentar. Há ainda lutas pela educação pública (por uma educação humana integral). Onde, essas experiências na luta por bens comuns e pela resistência, percorrem todo continente.

Quanto alternativas apontaram a produção, comercialização e consumo conscientes. Observaram a experiência de uma iniciativa campesina de comercialização por meio do comércio justo, onde perceberam que devemos construir alternativas inclusivas que vem de baixo. Mesmo havendo triunfos parciais, ainda é necessário discutir mais a sustentabilidade. Como forma de unir forças, gostariam de trocar informações com os demais ativistas, pois a democracia deve ser radicalizada.



Ana Beatriz (Movimento Ni Una Sola Mina) comentou que há o projeto (sobre mineração) onde se deve repensar o que realmente é importante sobre o tema. Há a necessidade de uma quebra de paradigmas para de produzir alternativas inclusivas, devendo

partir dos próprios territórios / grupos socialmente ativos empoderados através da educação popular, onde os recursos devem ser utilizados buscando a sustentabilidade.

Finalizam sua exposição citando uma frase INCA: "*el passado está adelante; porque yá pasó. El futuro está atrás; porque vienen conmigo*". O sistema que estamos é ilógico, devemos buscar um sistema que parta da conservação.

b) Grupo 2

Roteiro de auto-organização do grupo:

b. 1) Na primeira hora de trabalho houve a apresentação sobre a Morada da Paz da companheira Yashodã . Em síntese, foram identificados os seguintes elementos: há agricultura orgânica, um espaço coletivo para atividades. Em sua grande maioria, os moradores são mulheres, negras, que compraram seus imóveis neste local e depois constituíram um novo modelo de vida. Já houve uma ampliação do território: havendo experiência na Bahia, Tocantins, e Santa Cruz do Sul (Rio Grande do Sul). Possuem um rito anual que marca simbolicamente a comunidade.

b. 2) Mar Daza (PDTG) explica que como foram para um espaço que estava muito quente, a equipe foi para outro espaço. Neste sentido, Juan Carlos informa que pensaram uma nova metodologia, um outro modelo para organizar as apresentações, e depois socializando aos demais.

b. 3) Identificação de categorias de análise para compartilhar com os membros do grupo, referente as experiências, partindo do questionamento “quem somos”. Assim, começaram a organizar uma mandala de exposição dos critérios/categorias.

Dinâmica de mandala:

Quem somos?	Aliados e inimigos	Desafios	Estratégias	Sucessos	Aprendizagens (pessoais e coletivas)	Tropeços, dificuldades e impasses

b. 4) Processo de construção dos critérios - colocando primeiramente todas as experiências no papel;

b. 5 à 8) Revisão de todas as anotações, apresentação para o pequeno grupo e sistematização para apresentação em plenária de 3 relatos, 4 categorias;

b. 9) Iniciaram a apresentação com a constatação de que é necessário construir vontade política pra a transformação.

Aliados e Inimigos	Aprendizagens	Sucessos	Estratégias
Aliados são todos os movimentos sociais, as empresas com responsabilidade social, governos, universidades, os "invisíveis" (os excluídos da sociedade). **Inimigos** a institucionalização das universidades, a perda das garantias constitucionais, ausência de meios de comunicação, falta de diálogo entre movimentos. A busca por um sujeito único, o operário. E do erro, pois este (o sujeito único) não existe mais. Falta de claridade histórica.	Que o coletivo nos fortalece e que a autogestão é importante para esta convivência. Há um potencial transformador como a liberdade.	Temos aumentado a consciência dos outros. A ecologia consta como agenda política. Temos aprendido a defender o território.	Temos que construir redes. Temos que pensar como repensar como fazemos nossos protestos, temos que pensar na nossa espiritualidade como emancipação. Devemos reinventar solidariamente o internacionalismo, com uma lógica respeitadora da diversidade.

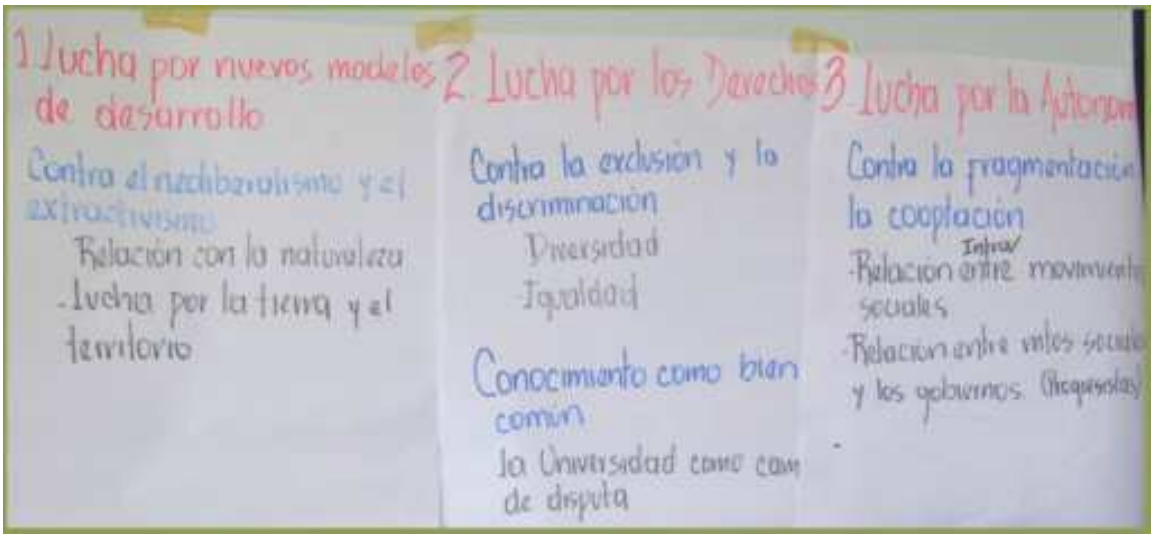
c) Grupo 3

José Exeni (CES - Alice) cita que identificaram 03 grandes campos de discussão:

1) **Luta por novos modelos de desenvolvimento**. Expressa que é necessário que deve-se pensar num novo modelo de desenvolvimento, contra o atual modelo neocapitalista/neoliberal. Devemos ter uma nova relação com o meio-ambiente, a *madre tierra*. Não tratá-la como um meio de exploração e produção. Não podemos pensar um novo modelo de desenvolvimento, sem pensar num novo modelo de vida.

2) **Campo dos direitos**. Diz que se deve ter a luta pelos direitos já estabelecidos, como a luta contra a discriminação, a favor da diversidade e igualdade. Francisco A luta pelo conhecimento como bem comum é necessária. Devemos saber que a Universidade é um campo de disputa, e que é necessário aliá-lo às lutas sociais.

3) **A luta pela autonomia**. Como podemos enfrentar a fragmentação e a cooptação. A grande pergunta: Devemos continuar nossa luta com uma visão anti-estatal? Ou devemos ver o Estado como um parceiro, ou um novo movimento social? Duas discussões são necessárias, como é o relacionamento intra-movimento e como os movimentos se relacionam com o governo. Devemos pensar num outro modelo que não o capitalismo.



Nota: pensou-se que seria interessante visibilizar outro espaço, como um quarto campo. Viu-se a autonomia como espaço de construções de conhecimentos e que podemos criar novas teorias. Mas, identificaram que o campo interno é outro campo de luta, pois atacando por exemplo a mineração, ataca-se indiretamente o racismo, extrativismo, colonialismo, oligarquias, etc.

8.7) Escolha dos temas norteadores

Após apresentação dos grupos, abriu-se o espaço da plenária para escolha dos temas geradores para a segunda parte da oficina 03 (dia 23 de Janeiro).

Beatriz (Viva La Ciudadanía) fala que agora passamos para o próximo momento: poderemos levantar temáticas para o próximo dia. Comenta ainda que em relação ao decrescimento tem como enfoque que os países do norte tem que ficar mais pobres para os do sul se desenvolveram.

Javier (Ecofondo) fala que a Rio 92 discutiu o Desenvolvimento Sustentável, mas e até agora quais foram os avanços? Propõe os temas:

- Ecologia/Ambientalismo;
- Neoliberalismo
- Prosperidade sem crescimento;
- Decrescimento;
- Que tipo de poder (o que fundamenta) o extrativismo;
- Educação Popular

Juan (ICECOR) vê que o termo decrescimento, é uma palavra do politicamente incorreto. Fala que é necessário ter muito cuidado com as discussões, pois para realidades diferente tem questões específicas. Parece que os problemas ambientais vem dos pobres.

Eva (CEP Alforja) fala que hoje não se fará a discussão em si e, que é necessário sim, levantar os temas para o segundo dia de oficina e, que o grupo pode aproveitar para ver quais temas que não estão dentro das discussões. Explica também que não serão nestes dois dias que se esgotarão as temáticas, pois a UPMS continuará.

Francisco (Movimento estudantil Chile) diz que a presença de intelectuais é muito importante, mas que só com os movimentos sociais participando, se terá empoderamento. Reinvindicar um novo modelo de desenvolvimento para a América Latina.

Pedro Melchior (MAB) é preciso ter muito claro a luta estratégica do movimento. Diz que a base do capitalismo é a energia, e por isso, é necessário que se atente a esta demanda. É preciso ver quem são estes que exploram os recursos naturais, pois os mesmos que exploram no Chile/Peru podem ser os mesmos que o Brasil.

Mar Daza (PDTG) é necessário que se pense a construção do conhecimento, como se cria, para quem e como será passado. Como segundo desafio é preciso mapear alternativas.

Vanessa (UFRGS) fala que são muitos os movimentos que discutem alternativas, mas há grande dificuldade em se ter uma convergência. Explica que neste momento não buscaremos esgotar os temas, mas sim ver quais pautas são convergentes, onde haverá uma mudança de paradigma. Como faremos para termos esta mudança de paradigma?

Nahyda (IBASE) complementando a Vanessa, expõe que experiências concretas podem ser utilizados para iluminar esta mudança de paradigma.

Yashodã (Comunidade Morada da Paz) coloca que a UPMS deve colocar mais perguntas, pois se aqui tirarmos respostas, estaremos buscando o herói. Há também muitos temas que são prostituídos, como o Desenvolvimento Sustentável. Conviver com a incerteza paralela com a necessidade de saber viver sem modelos, pois não devemos buscar um novo modelo e sim, temos que problematizar o modo de caminhar.

Vanessa (UFRGS) diz que este é o objetivo da Oficina.

Javier (Ecofondo) fala que é interessante discutir a Crise Civilizatória, pois estamos no FSM e o RIO+20.

Mario (AgroSolidaria) fala que a Bolívia tem o estado plurinacional, Venezuela tem outro modelo. Aponta que parecemos não entender/compreender um novo modelo de estado. Cita ainda que outra discussão que deve ser feita é a do “bem viver”, discussão vinda de 05 anos para cá. Acredita que é necessário superar auto-discriminação de "virmos do sul". Como latino-americanos é preciso sim ouvir a si, a nossa cultura, e dentro disso entender porque buscamos viver bem.

Juan Silva (ICECOR) fala que a UPMS discute o movimento social, o poder e as organizações. Vê que pode-se discutir os procedimentos. Vê que este sentido é mais importante e presente ao objetivo da UPMS. Coloca ainda que não podemos fazer paralelos com a Europa.

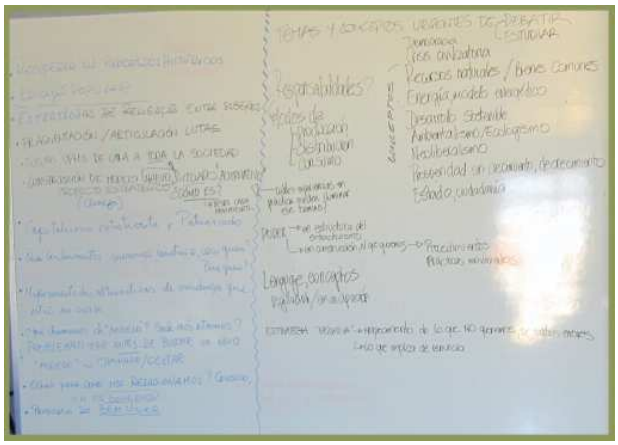
Juan Carlos (Universidade Complutense de Madri) diz que depois de 20, 30 anos tem-se governos alternativos na América Latina. Deve-se discutir uma estratégia de um modelo, mas não teremos ele a curto prazo. Está convencido de que não temos agora o que queremos, mas sim temos certeza do que não queremos. Se somos capazes do que não queremos, teremos um norte para a discussão para amanhã. Proposta: O que não queremos e segundo momento é colocar o que teremos que sacrificar para isso.

Eva (CEP Alforja) fala que amanhã é que serão priorizado os temas.

8.8) Resumo de alguns conceitos foram elencados durante a oficina como forma de guia para o segundo dia de atividades

- Recursos naturais (Javier)
- Desenvolvimento sustentável (Javier)
- Ambientalismo/ecologismo (Ana Beatriz)
- Educação popular (Ana Beatriz)
- Neoliberalismo (Juan Carlos)
- Prosperidade sem crescimento (Juan Carlos)
- Decrescimento (Juan Carlos)
- Estratégias de religação de saberes (Yashodã)
- Articulação de lutas / transformação social (Francisco)
- Lutas pela energia (Pedro Melchior)
- Pensar o papel da UPMS / Mapear alternativas (Mardaza)
- O que queremos? Consequências? Como? (Vanessa)
- Que experiências em curso podem auxiliar? (Nahyda)
- Ressignificação do termo Estado (Mario)
- Construção de espaços de confiança / procedimentos (Juan Silva)
- Discutir estratégias: estabelecer o que não queremos (Juan Carlos)
- O que implica de renúncias no que não queremos (Juan Carlos)

Resultado da busca dos temas geradores



Aproximadamente às 18h30 , encerra-se as atividades do 1º dia da oficina.

8.9) Espaço de Convivência

No final do primeiro dia de oficina da UPMS (dia 22 de janeiro) foi realizado, o que chamamos na metodologia da UPMS, de momento de convivência e lazer entre os participantes da oficina. Este é um momento importante para que os participantes troquem impressões sobre o dia de trabalho, mas que ao mesmo tempo possam estabelecer uma maior proximidade com seus companheiros.

Na oficina 3 os participantes organizaram junto com o centro que acolhia a oficina (os Capuchinhos) um galeto. O galeto foi servido entre às 19:30 e 20:00 o que possibilitou que no final do primeiro dia os participantes fossem direto da oficina para a confraternização.

Depois do galeto, o grupo fez uma roda e dois participantes da oficina, cada um com seu violão, tocaram para todo o grupo músicas de vários países da América Latina.

O grupo ficou reunido comendo e cantando mais ou menos umas três horas. Depois os participantes da oficina foram convidados pelos participantes da ONG Ingá a um Sarau que a ONG realizava em sua sede no Centro da cidade. Alguns participantes da oficina foram até o Sarau e puderam conhecer a sede da ONG onde são realizadas as atividades e continuar intercambiando ideias e impressões sobre a UPMS.

9) Segundo dia Oficina 3 – Segunda, 23 de janeiro de 2012

Retomada das Regras de Convivência: Eva (CEP Alforja) retoma as regras de convivência.

9.1) Apresentação da metodologia de trabalho do dia

A oficina começou com narrativas enfatizando que: *"não existe somente a minha luta, mas a luta de todos"*, bem como ressaltando a importância das trocas de experiências culturais e da superação das barreiras, tais como a lingüística.

Vanessa fala que o dia anterior foi muito interessante e, que em nossas lutas temos muitos temas emergentes. Propôs-se assim a discussão e o aprofundamento dos temas elencados no dia anterior, a partir de questões norteadoras: 1) o que nos une e o que nos separa; 2) a colaboração e relação com outros movimentos e atores; 3) as relações de poder que envolvem instituições estatais e educacionais; 4) as possíveis ações conjuntas em âmbitos locais que podem ser bandeiras globais de lutas.

É importante relacionar estas questões com os temas vistos ontem, no qual emergiram dos GTs e de nossas lutas. O nosso objetivo não é conceituar, pois o grande tema da oficina é fruto das lutas. Para isso é importante iluminarmos os temas para que possamos fazer este exercício de unir uma coisa com a outra.

Deste modo, foram divididos três grupos com o propósito que cada grupo elencasse dois ou três temas / conceitos, os quais nascem das lutas e vivências dos movimentos. Os pontos convergentes e divergentes deveriam ser realçados e vinculados ao debate.

Reunião entre os grupos para as discussões e pausa para o café.

9.2) Retomada dos trabalhos

Boaventura inicia o espaço expondo que uma das coisas que mais vão se discutir é o alimento para as pessoas. Hoje há emprego, mas se terá água infectada, haverá câncer. O imediato não é emprego, mas também a saúde. Quais são as lutas que teremos? Uma das bandeiras é a água, pois a água é base para todos, deveríamos mostrar que a água e a biodiversidade são essenciais. Nada vai adiantar se não tivermos a troca de conhecimentos, precisamos também de produção alternativa, como Economia Solidária, Social, Popular. As convergências e divergências são ligadas às multinacionais e aos governos que não tem modelos de desenvolvimento interessantes. Outra coisa que discutir a transição do extrativismo, claro que com muita sensibilidade, como o conceito de desenvolvimento sustentável, pois há países como o Equador que 85% de seu PIB é de extravismo. Comenta ainda que o instrumento é a população, a sociedade a favor destas bandeiras. Precisamos conhecer lutas importantes como a da Costa Rica.

9.3) Exposição dos GT's

Vanessa (UFRGS) coloca que pelo pouco tempo serão apresentados as conclusões dos grupos. Diz que se utilizou mais tempo do que precisaria, mas que faz parte do processo. E estas discussões são muito importantes para a UPMS e também para o FSM. Após o almoço seria passado o vídeo sobre o Massacre do Pinheirinho.

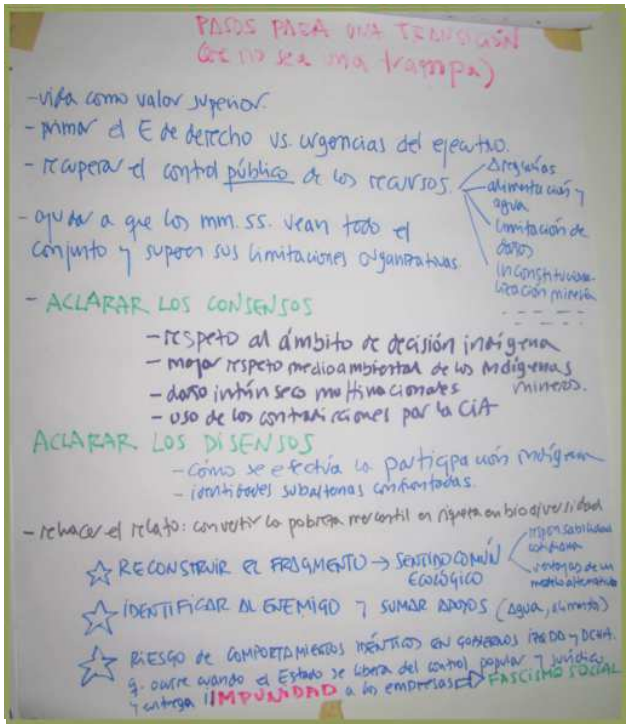
a) **GT 1** – O tema chave: Bem Viver e Alternativas ao Capitalismo Extrativista.

O grupo ressaltou que o capitalismo é um tema chave que afeta a todos como um vírus, com sua lógica individualista e competitiva que estrutura as relações sociais. O saber institucionalizado torna-se o saber "válido" de uma educação institucionalizada, mesmo com incoerências nas suas práticas que geram injustiça, desigualdade, etc.

O grupo ainda frizou que há diferentes modos de "fazer a luta" e a dificuldade de aproximação entre as dicotomias, tais como o campo e a cidade. O poder como lógica relacional coloca o desafio de como sair desse cenário que afeta todas as relações: de gênero, de etnia, familiar, trabalho, etc.. O resgate da memória e a reconstrução histórica dos "não sujeitos" (índios, negros, mulheres, etc.) podem contribuir como uma ferramenta para corrigir essas distorções e articular o local com o global. Da mesma forma, a educação popular pode contrapor e recuperar a história dos não sujeitos e reverter os valores.

Falou-se ainda sobre as incoerências entre as práticas e as idéias conceituais que saíram dos debates. E a relevância da participação, da complementaridade e da coletividade.

b) **GT 2 -** Temas chave: importância da superação das contradições e reforçou que as noções de bem viver e extrativismo são modelos antagônicos nos quais há o choques entre interesses particulares e coletivos.



O Estado é um elemento chave com seus processos legais, controle e redistribuição de renda, mecanismos e extrações de recursos. Porém, o sistema político com partidos cartelizados se torna inadequado. No choques entre os modelos as diferenças de médio a longo prazos geram problemas que só podem ser realizado por meio de uma transição entre modelos, e que exigem alguns passos na direção de:

1) reconhecer a vida como elemento superior;

2) reconhecer o Estado de Direito necessário para defender o bem viver contra o extrativismo e a inconstitucionalidade dos poderes executivos;

3) necessidade de controle público sobre os recursos;

4) buscar formas alternativas de gerenciar os recursos;

5) descentralizar com cautela, pois as multinacionais são mais fortes que os poderes locais (prefeituras, intendências, etc.);

6) buscar ferramentas jurídicas para fiscalizar o bem público;

7) entender os movimentos como parte de um conjunto que deve formular respostas coletivas;

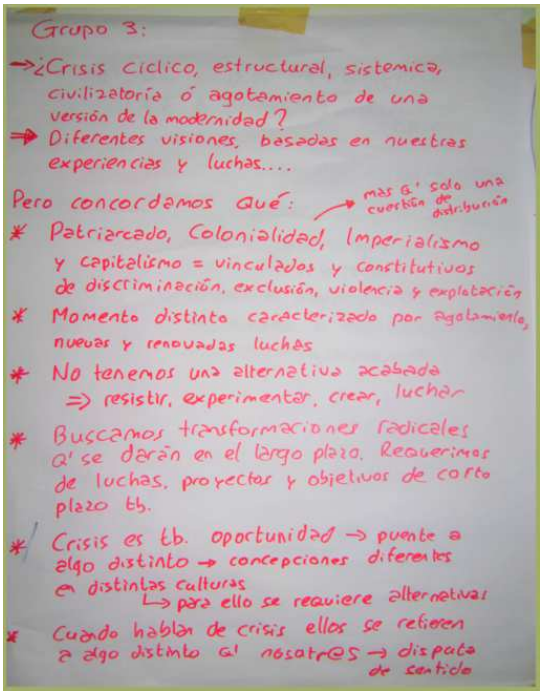
8) esclarecer consensos e dissensos de tempos confusos. Por exemplo, a importância do respeito aos indígenas e o reconhecimento de tensões irredutíveis;

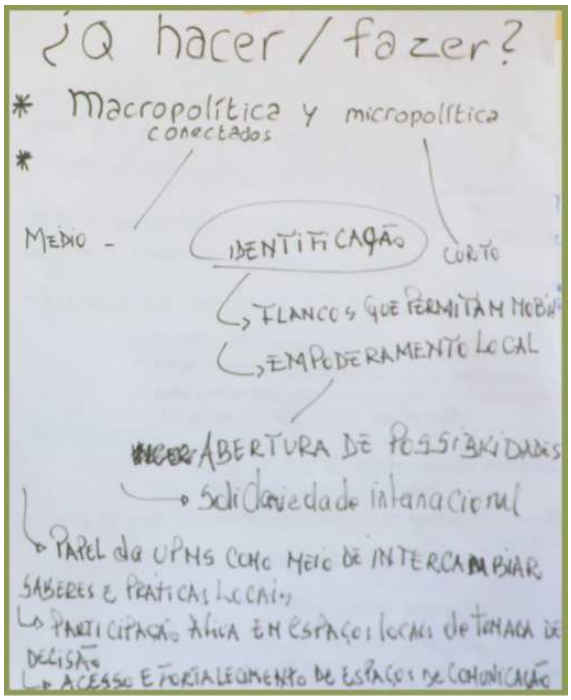
9) sair da ingenuidade para não deixar que as práticas dos movimentos sejam usadas por hegemonias imperiais;

10) construir os fragmentos na cotidianidade, onde, por exemplo, o “simples” consumo pode contribuir com o extrativismo.

Deste modo, o grupo encerrou sua exposição colocando como maiores inimigos as transnacionais, sendo que é preciso unir forças para acabar com a impunidade às grandes empresas, que é um novo tipo de fascismo social.

c) **GT 3** – Expôs que as definições distintas sobre “que lugar vivemos” e “qual movimento fazemos parte” também gera contradições.





Destacaram que um dos pontos de união é a luta contra as dominações capitalista, imperial, de gênero, patriarcal, etc.. E que esses são sistemas que naturalizam a dominação. Mas: *“como enfrentar?”*. Uma tentativa de resposta para essa pergunta está no fato de que no último (2011) houve lutas em todo o mundo que refletiram processos de construção de um mundo melhor e mais justo. Mas não há uma receita. É preciso mudanças radicais – de raiz – de longo prazo e a crise pode ser compreendida de diversas formas. Mas qual o sentido das crises? Os caminhos sugeridos para o enfrentamento da crise são:

a) pensar global, agir local;
b) macro estratégias e micro estratégias políticas;
c) alianças territoriais e institucionais;
d) reinventar os conceitos de solidariedade internacional.

A UPMS é um caminho do aqui e do agora, mas para resultados futuros. Ela precisa estar dentro dos espaços de tomadas de decisão e de comunicação. O grupo ressaltou, por fim, que processos de desenvolvimentos são pontes que levam de um lugar seguro para outro, por isso geram incertezas e por isso são encarados como crises.

9.4) Apresentação do vídeo sobre “Pinheirinho"

Referente a situação de Pinheirinho[3], algumas pessoas estavam buscando contato com o Prof. Boaventura, pois possuem uma lista de pessoas ameçadas de morte e mortos pela luta dos povos tradicionais e de minorias. A realidade da regularização fundiária está longe do que os quilombolas e jovens negros vem sofrendo. Neste momento há relatos de ameaças de morte no Maranhão, Minas Gerais, e em outras localidades. Isto se complementa com a informação de que no dia 28/01 haverá no quilombo da Família Silva, a tarde, uma Oficina do FSM. Toda a articulação e unidade dos que querem lutar é muito importante.

10) Plenária final – Aprendizagens e experiências

Vanessa (UFRGS) indica que o próximo espaço será o da plenária final.

Eva (CEP Alforja) fala sobre as atividades realizadas, fazendo um resgate de todo o processo de construção da Oficina.

Ana (Movimento Ni Una Sola Mina) comenta como é interessante ver o empoderamento das pessoas de seus lugares e de suas realidades. Ficou feliz em conhecer as escolas itinerantes. Mesmo havendo diferentes locais e realidades é interessante ver a Educação Popular em todas as iniciativas.

[3] Vídeo protesto contra a desocupação de “Pinheirinho” pode ser acessado em <http://youtu.be/yZ6ti1c8KZw>

Eva (CEP Alforja) fala que não se levará receitas prontas. E todas as aprendizagens são muito importantes para o processo de construção do movimento.

Ana (Movimento Ni Una Sola Mina) fala que o tema das alianças é muito importante, vendo que temáticas como a Mineração tem muitas convergências e realidades próximas.

Raphael (Democracia Global) salienta que o Estado é um tema muito distinto e também, que se divide dependendo de cada realidade. É visto que é muito mais próximo estar nas práticas e estratégias do que nas discussões teóricas dos conceitos. Como trabalharmos com as linguagens e como valorizar os outros saberes.

Javier (Ecofondo) Fala que há povos que lutam e partidos. Diz que é importante do debate e do debate conceitual, debate das experiências. Os movimentos sociais não podem subestimar a sua contribuição para a ciência política e ciências sociais. É muito importante o diálogo de saberes. Há muitas alternativas de construção de um novo mundo.

Ana Elisa (UFPR) diz que é importante quem é da academia ter contato com o Movimento Social. Citando o exemplo da discussão sobre crises. Para quem está produzindo é muito importante o intercâmbio.

Eva (CEP Alforja) fala que esta é a Ecologia de Saberes.

Francisco (M.E Chile) uma coisa que está em todo debate está a luta pelo conhecimento, a luta pelo controle social, é uma aprendizagem. Toda a experiência que tive aqui é a tensão sobre as forças. É preciso construir uma força social.

Juan Carlos (Universidade Complutense de Madri) relembra a fórmula de Espártaco: dor, querer, poder (momento político), agir (lutar). As coisas absorvidas no seminário são sentidas pela dor cotidiana do povo latino americano e segundo a referida fórmula, a alegria é vazia quando não se entende a dor. A inteligência da dor é a inteligência da alegria. E o exercício de sonhar e lutas são de todos.

Yashodã (Comunidade Moradia da Paz) sente que se fez um movimento, um exercício que mexeu muito com cada um. Diria que vivesse em um mundo em crise, onde todos querem nos tirar a tudo, e há somente uma coisa que não nos tiram, os sonhos. Aprender a desaprender é um processo e é contínuo. Quando se busca sair da zona do conforto, é um exercício do aprender a desaprender. Outra questão é trabalhar para que o sonho seja uma alternativa real para a mudança, e buscar que seja concreta. Na medida em que olho daqui as lutas, vejo que todas possuem uma ligação, olhando a configuração que está, estão permeadas por uma cultura de luta.

Vanessa (UFRGS) expõe que aprendeu que gostaria de ter mais tempo. Aprendeu que as Universidades precisam de mais tempo para absorver os conhecimentos vindos dos Movimentos Sociais, ao invés de somente buscar a produção acadêmica. Se luta por esta utopia, onde se busca emancipar os diversos atores destas lutas. É necessário ter mais tempo para refletir, para pensar.

Pedro (MAB) coloca que ninguém trouxe nada pronto e que foi construído com as experiências de cada caminhada dos que aqui estão. Há uma certa unidade no sentido de que o modelo/sistema capitalista não serve para nossa humanidade. É preciso construir algo novo e é melhor saber para onde queremos ir do que como ir. Como construir, faremos durante a luta.

Mar Daza (PDTG) seguindo a aprendizagem do companheiro, é preciso também saber como faremos e precisamos considerar muitas coisas. Em um dos grupos que estava aprendeu como ter outras formas e linguagens. Todas as coisas como ser mulher, jovem, negro, índio são importantes. Outra aprendizagem é que devemos estudar muito sobre o que sabemos. O tema da linguagem é importante. Imagens e outras formas de aprendizagem são precisas, aprender a desaprender é importante.

Franco (UNRosário) os estudantes sentem que se deve estar ainda mais próximo das experiências e buscar isto dentro das universidades. É preciso ter muito cuidado pra que os

Movimentos Sociais não sejam cooptados por grupos políticos. Sempre acontece que os movimentos sociais acabam se enfraquecendo. É preciso que os movimentos sociais se fortaleçam, mas sempre buscando a autonomia.

José (CES - Alice) tem aprendido que as melhores aprendizagens e conhecimentos são feitos de forma cooperativa. Há a Ecologia de Saberes, não existe um grande saber e sim muitos saberes; Ecologia das Temporalidades, onde existe um horizonte maior e também lutas que devem ser feitas a curto prazo; Ecologia entre Escalas, temos que assumir que temos um horizonte global, que vamos com lutas locais e nacionais; Ecologia dos Reconhecimentos, mesmo com toda a desigualdade e diferenças, onde houve casos de lutas de igualdade dos direitos e de diferenciação de direitos. Fica feliz em fazer parte deste exercício coletivo.

Gonzalo (C.S.A) coloca que sua forma de pensar é que se tem outra forma de se ter uma boa vida.

Michele (UFRGS) fica muito empolgada com todo o processo, e também que não estamos sozinhos. Outra coisa é que quando se dialoga com outros movimentos, você vê onde se está, e vê muitas vezes que o problema é muito próximo. É um excelente aprendizado para levar ao nosso movimento.

Filipe (CFES) coloca que é importante que os jovens se mantenham em contato e que se crie uma rede de contribuição para os jovens.

Assim, ficou ressaltado que a construção dos conceitos durante os seminários se deu a partir da própria caminhada de cada um, ninguém trouxe nada pronto. E se o sistema capitalista não nos serve, é preciso saber aonde queremos chegar, a sociedade que queremos. O desejo por justiça deve estar vivo, assim como as experiências concretas com outras metodologias, na qual se evidencia a necessidade de autonomia dos movimentos frente à estratégia de cooptação dos governos, por exemplo.

Os diálogos de interconhecimento e interculturais contribuem para os saberes de temporalidades num sentido estratégico de longo prazo. Trata-se de situar as lutas locais num ambiente e horizonte globais. Ninguém está só: *"todos estamos juntos"*. No diálogo com outros movimentos aprendemos muito sobre nossas próprias experiências nos movimentos que fazemos parte. Comentou-se, ainda, sobre a importância de manter laços com os jovens, com linhas de trabalho em conjunto.

11) Encaminhamentos

Sugeriu-se realizar fóruns locais, contextuais, com cátedras itinerantes. E também fazer um vídeo da UPMS, a exemplo e como resposta, como na manifestação franquista na Espanha que teve mais de 500 mil visitas no site youtube.

Ana Elisa (UFPR) propõe que na UFPR possa realizar uma Oficina local da UPMS, olhando para as questões difíceis e também no que se está avançando.

Pedro (MAB) Fala que a Universidade Fronteira Sul (UFFS) poderia ser um espaço onde se poderia construir uma parceria, pois muitos professores vem das bases.

Juan Carlos (Universidade Complutense de Madri) comenta que seria muito interessante a produção de um vídeo sobre o que é a UPMS.

Boaventura (CES Coimbra) fala que seja feito um novo momento, talvez amanhã pode ser feito este vídeo, que seria muito interessante.

Leonel (CEIBA) pensa que pode ser um espaço de denúncia e de bons momentos com a UPMS.

Mario (AgroSolidaria) Questiona se pode ser utilizado o link e a logomarca da UPMS.

12) Futuro da UPMS

Boaventura de Sousa Santos no final da plenária falou sobre o futuro e desafios da UPMS e o ***objetivo de realização de oficinas internacionais,*** usando o "portunhol".

Boaventura (CES Coimbra) comenta que estamos em um momento de refundação da UPMS, sendo essa uma das principais experiências, por estar sendo organizado pela primeira vez uma Oficina Internacional que além disso, também superou a questão da língua. A idéia é internacionalizar a UPMS, com suas alegrias e seus constrangimentos buscando abranger a África do Sul e a Índia. Se tem aqui realmente uma alegria que resulta de todo o esforço e dinâmica que criamos.

No dia seguinte (24/01), todos se depararão com um momento fechado com uma mesa de autoridades. Ela também servirá para socializar as discussões das demais oficinas e no dia 28/01 será apresentado o resultado no FSM. É importante que se criem espaços e regras para podermos avançar.

Expõe que achou muito interessante que muitos ativistas queiram continuar o processo, 100 pessoas viram como é a UPMS viva, onde somente a internet não basta, é preciso ter convívio, conhecer a todos ao vivo. Diz ainda que agora a UPMS acaba de ser

ocupada por todos, onde 100 pessoas ou mais são os refundadores da UPMS. E este grupo será o grupo de acompanhamento e que estará a frente deste processo, mantendo contato.

Poderá ser criada um intranet no site da UPMS. Mas, o que se precisa para dar andamento para UPMS são quatro coisas:

1) Há uma página, mas não se tem ninguém que a alimente. Podemos fazer uma proposta de mudança e se tem que ter outra opção.

2) Um projeto de uma carta de princípios. No início não se pensou nisso, mas com ONG's que fazem capacitação usando a marca UPMS isto se torna necessário. E por isso se pensa em criar/escrever uma Carta de Princípios. Mas, é preciso dar um tempo para criar algo bem feito, com prazo de três meses.

3) Parcerias. Há universidades que querem fazer Oficinas da UPMS, há prefeituras, entidades. Para fazer uma parceria, para que não se corrompa o objetivo maior é preciso que se faça uma carta de princípios. A idéia é ter parcerias para a América Latina, África e Índia.

4) Regras e metodologia para gerir a UPMS. As coordenadoras das Oficinas solicitaram metodologias para as Oficinas. As técnicas de condução será um tema necessário ou não, dependendo dos participantes. Poderá ser feito um resumo e depois encaminhado para todos.

Yashodã (Comunidade Morada da Paz) coloca que a organização aberta fez com que todos pudessem criar suas formas de expressar suas idéias. Fala que também tem que se analisar o território. Que possam ser feitas oficinas em espaços de movimentos sociais e itinerante.

Boaventura (CES Coimbra) diz que a UPMS deverá ser convidada a ir aos movimentos. Outra coisa é que devemos decidir o tempo que pode ter as Oficinas.

Raphael (Democracia Global) diz que hoje talvez seja muito cedo para buscar criar uma metodologia e que este é um momento de refundação. Após uma ano ou um ano e meio pode-se pensar na construção de um roteiro. Talvez possa ser criada uma comissão

que possa socializar tudo. Depois de muita experimentação e aprendizagens é que se contrói um roteiro.

Beatriz (Viva La Ciudadanía) coloca que a palavra regra é difícil e, que é preciso construir talvez orientações pedagógicas, levando em conta que cada país tem uma realidade, os movimentos envolvidos, entre outros. Acredita que como traz Raphael, pelas pessoas ou organizações podem ser realizadas as Oficinas e ir alimentando a idéia. Pode ser um documento simples, podem ser colocadas as linhas e estratégias para a sua realização.

Vanessa (UFRGS) fala que foi citado a América Latina, África e Ásia, mas e a Europa? Há muitos movimentos sociais na Europa, que se manifestam com a situação de crise. Seria interessante realizar Oficinas lá para unir vários continentes nesta luta.

Boaventura (CES Coimbra) diz que terá que ser feita uma na França, Espanha, Inglaterra e Portugal. Diz que já se teve procura para fazer Oficinas pela Europa. A Carta de Princípios é importante para este processo. Amanhã com a companheira de Moçambique, Gina Vargas, verá como a UPMS pode entrar no Conselho Internacional do FSM. Não estar submetido ao FSM, mas sim estar dentro de seu conselho. Fala que a questão da língua é importante que se tenha termos que possam clarear diversos espaços. Vê que há muitas convergências, mas que existem muitas especificidades. A oficina 2 virá com grandes idéias onde as mulheres são as grandes empreendedoras.

Nahyda (IBASE) fala que as apresentações foram feitas por duplas de homens e mulheres e foi muito bacana.

Boaventura (CES Coimbra) fala que como a UPMS começou muito pequena, há muitas mulheres, e não é ainda um espaço de poder, então mais a frente muitos homens aparecerão.

13) Socialização: propostas para a apresentação entre as Oficinas

Pedro (Viva La Ciudadania) fala que o relator que for indicado pelo grupo tem que tomar os principais apontamentos dos materiais gerados, os cartazes feitos, ligando-os às temáticas já levantadas. Há coisas que saíram que são muito criativas, como por exemplo as metodologias. A estrutura que proponho é que listemos os temas que foram listados. É importante resgatar as aprendizagens e os pontos onde vimos que temos que trabalhar mais. Vê que seria necessário fazer resumos dos temas que foram levantados como o extrativismo, onde com certeza poderia se colocar tudo em 3 páginas, lendo-as em 10 minutos na apresentação.

Vanessa (UFRGS) fala que seria interessante colocar como foi o desenvolvimento e o processo, como por exemplo destacar a parte onde foram mencionadas as lutas. Ainda que não tivéssemos tempo para aprofundar, visualizar este cruzamento de temas seria interessante destacar.

Ana Elisa (UFPR) concorda que é fundamental isso, pois estamos numa luta contra hegemonia contra os próprios conceitos, não buscando deixá-los de lado e mostrando como construímos conceitos e seria muito bom socializá-los.

Eva (Alforja) fala que a proposta de Pedro complementa a proposta ora exposta no quadro. Repassar o processo metológico, relatar a realização dos 6 espaços da Oficina. Podendo se focar no que se discutiu hoje, onde houve maior profundidade.

Pedro (Viva La Ciudadanía) coloca que se elejam duas pessoas e que estas possam ter a colaboração que necessitam para montar a apresentação. As duas pessoas terão apoio nosso e poderão construir a forma de apresentar a relatoria.

Raphael (Democracia Global) Não poderia ser 6 pessoas? Seria mais interessante e teria mais complementação.

Vanessa (UFRGS) Fala que foi feito um acordo com as outras oficinas de que seriam duas para não desequilibrar o número de relatores por oficina.

Gonzalo (C.S.A) O problema é se não forem disciplinados.

Miriam (UFRGS) Fala que seria interessante utilizar mais recursos visuais.

Ana Elisa (UFPR) Propõe que sejam apresentadas as imagens da Oficina e os dois facilitadores façam a leitura e resumo dos mesmos.

Foi definido que Mario e Isabel poderiam fazer a apresentação para a oficina 3.

Luis Filipe (CFES) fala sobre como estão sendo feitos os trabalhos de relatoria.

14) Encerramento da oficina 3

No segundo dia os participantes da oficina 3 (Porto Alegre) se juntaram com os participantes da oficina 1 (São Leopoldo) e da oficina 2 (Canoas) em uma confraternização conjunta oferecida pela Prefeitura de Canoas na restaurante da Unilasalle.

Os participantes foram deslocados de Porto Alegre a Canoas para participar desta confraternização conjunta, pois este foi o único momento em que as três oficinas se encontrariam antes da oficina conjunta no dia 24 de janeiro na UFRGS.

O jantar serviu para que todos os participantes das três oficinas se conhecessem de forma mais descontraída, como prevê a metodologia da UPMS.

15) Oficina conjunta na UFRGS e apresentação no FST

Propôs-se uma atividade autogestionada na programação oficial do Fórum Social Temático de Porto Alegre para socializar os resultados e discutir sobre o futuro da UPMS. Dado que os temas das oficinas da UPMS detalham o tema geral do Fórum Social Temático de POA, os participantes estão disponíveis para integrar os GTs do Fórum.

Assim, além das três oficinas foi realizada uma oficina conjunta no dia 24 de janeiro, no auditório da Faculdade de Educação da UFRGS. Este momento contou com a participação dos apoiadores e financiadores das oficinas da UPMS entre eles: Governo Brasileiro, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, UFRGS, Unisinos, Prefeitura de Canoas e Prefeitura de São Leopoldo. A mesa de abertura foi coordenada pelo Professor Boaventura de Sousa Santos do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

Finalizando as atividades da UPMS, no dia 28 de janeiro foi realizada uma atividade autogestionária no Fórum Social Temático de Porto Alegre, na Usina do Gasômetro, para socializar os resultados e discutir sobre o futuro da UPMS.

Esta mesa no interior do Fórum Social Mundial contou com a participação do profº. Boaventura de Sousa Santos, de Lilian Celiberti e das três professoras que coordenaram e facilitaram as três oficinas: Aline Mendonça (oficina 1 - CFES/Unisinos), Nilma Gomes (oficina 2 - CES-AL/UFMG) e Vanessa Marx (oficina 3 - Ciência Política/UFRGS).

O relatório da oficina 3 foi realizado por:
Vanessa Marx (coord. Oficina 3 –Ciência Política - UFRGS)
Priscila Alves Rodrigues (Bolsista PIBIC CNPq – UFRGS)

Contou com o material sistematizado durante a oficina por:
Luis Filipe Reinecke (CFES)
Carlos Arthur Gallo (UFRGS)
Augusto Clemente (UFRGS)

Agradecemos a todos os participantes da oficina 3 que colocaram a disposição da organização seus materiais, vídeos, fotos para que a relatoria resultasse em um trabalho coletivo contribuindo assim para o acervo da UPMS.

ANEXOS

Anexo 01

Lista de participantes dos dois dias de oficina:

Nome	Entidade/Movimento	País
Alfredo Alejandro Gugliano	Professor Ciência Política UFRGS	Brasil
Ana Beatriz Barquero	Movimento Ni Una Sola Mina	Costa Rica
Ana Elisa de Castro Freitas	Laboratório de Interculturalidade Comissão Universidade para Índios – Professora da Universidade Federal do Paraná	Brasil
Augusto Clemente	PPG Ciência Política UFRGS	Brasil
Beatriz Gonzales Soto	Viva La Ciudadanía	Colômbia
Candido Costa	SEMA	Brasil
Carlos Arthur Gallo	PPG Ciência Política UFRGS	Brasil
Cláudia Salomé Garcia	CEIBA – AT	Guatemala
Denise Yashodã Freitas Dorneles	ONG Comunidade morada da Paz	Brasil
Emiliano	ANAP – ONG “Ingá”	Brasil
Eva Maria Carazo Vargas	Rede de Coordinación em Biodiversidad y del Programa de Educacion Popular Alforja (CEP Alforja)	Costa Rica
Francisco Xavier Figueroa Cerda (Pancho)	Movimento dos Estudantes do Chile	Chile

Franco Bartolacci	Decano Facultad de Ciência Politica y Relaciones Internacionales de La Universidad Nacional de Rosario	Argentina
Giovanni Alegretti	CES – Coimbra	Portugal
Gonzalo Bérron	Assessor da Secretária de Politica Econômica e Desenvolvimento Sustentável da Confederação Sindical das Américas	Brasil
Isabela Camini	RECID / MST	Brasil
Isaura Isabel Conte	Dirigente do Movimento de Mulheres Camponesas (RS) e Doutoranda em educação pela UFRGS	Brasil
Javier Marquez Valderrama	Presidente da I Junta Diretiva ECOFONDO	Colômbia
José Exeni	CES – Alice	Bolívia
Josemar Albino	Catarse / Inverso Coletivo	Brasil
Juan Carlos Monedero	Universidade Complutense de Madri	Espanha
Juan Ramón Silva	Instituto para el Comercio Equitativo y el Consumo Responsable (ICECOR)	Argentina
Leonel Angelo Raimundo	CEIBA (Associação Amigos da Terra)	Guatemala
Luis Filipe Reinecke	CFES	Brasil
Maiana Maia Texeira	Rede Brasileira de Justiça Ambiental	Brasil

Mar Daza	PDTG (Programa Democracia y Transformación Global)	Peru
Mario German Bonilla Romero	AgroSolidaria	Colômbia
Matias Kohler	ONG “Ingá”	Brasil
Michele Lima	Bolsista de Extensão UFRGS	Brasil
Mirian de Fátima Chagas	Pesquisadora Núcleo de Cidadania – PPG Antropologia/UFRGS	Brasil
Nahyda Franca	IBASE	Brasil
Narciso	Soberania Alimentar	México
Pedro Eloir Melchior	Movimento dos Atingidos por Barragens	Brasil
Pedro Santana	Viva La Ciudadanía	Colômbia
Peter Waterman	Democracia Global	Inglaterra
Raphael Hoetmer	Democracia Global	Peru
Vanessa Marx	Professora colaboradora Ciência Politica UFRGS	Brasil

Anexo 02 – Dos trabalhos em grupos...

Local da Oficina 03

Mediadoras oficina 03

Grupo 01, dia 22 de Janeiro de 2012

Grupo 02, dia 22 de Janeiro de 2012

Grupo 01, dia 23 de Janeiro de 2012

Grupo 02, dia 23 de Janeiro de 2012

Grupo 03, dia 22 de Janeiro de 2012

Plenária Final

...algumas marcas do encontro!

Realizações e Apoio: